



CURA

processos imaginais nos
tratamentos alternativos

Raíssa Jalkh Pantaleão

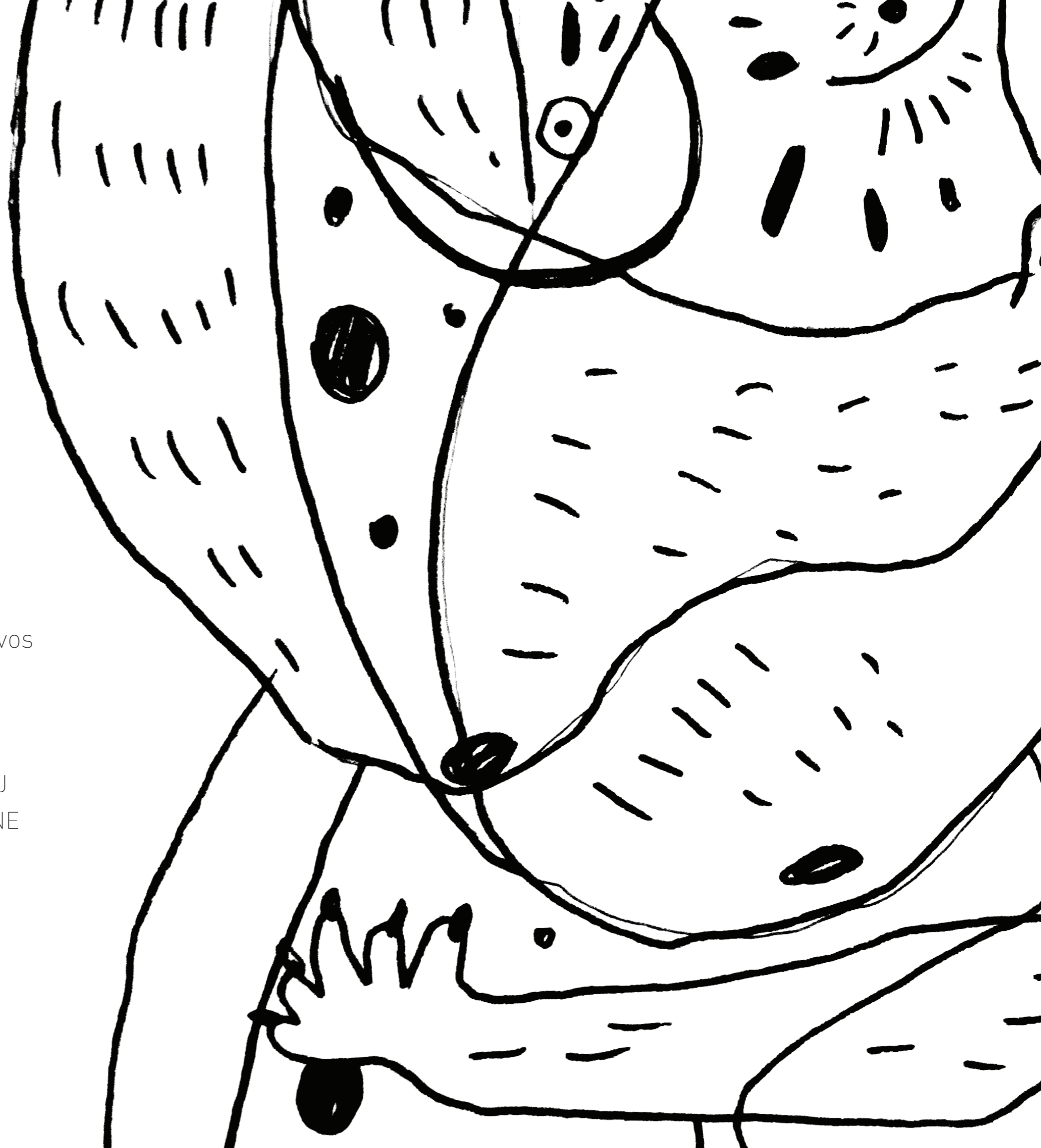
CURA

processos imaginais nos tratamentos alternativos

por **RAÍSSA JALKH PANTALEÃO**

COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN UFRJ

ORIENTAÇÃO LEONARDO VENTAPANE





INTRODUÇÃO _ 6

CAPÍTULO 1 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE OS CURANDEIROS NO BRASIL _ 8

CAPÍTULO 2 ALGUMAS CURAS ALTERNATIVAS NO MUNDO _ 9

2.1 Relatos sobre auto-cura

2.2 Rituais: Sauna Sagrada

2.3 Rituais: Ex-votos

2.4 Marina Abramovic: Terra Comunal

2.5 Lygia Clark: Objetos Relacionais

CAPÍTULO 3 ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO _ 28

CAPÍTULO 4 O PROJETO _ 30

4.1 A re-criação do eu

4.2 A auto-imagem

4.3 A sobreposição do ego

4.4 O instrumento

CONSIDERAÇÕES FINAIS _ 50

REFERÊNCIAS _ 52

LISTAS DE FIGURAS _ 54

FONTES ICONOGRÁFICAS _ 56

INTRODUÇÃO

Esse projeto fala sobre os processos imaginais presentes nos tratamentos alternativos. Depois de pesquisar algumas das chamadas curas alternativas¹, por meio de objetos e desenhos, procuro investigar dois tipos de natureza desta. A primeira sendo aquela que advém ou do ambiente ou de uma força misteriosa e se ancora no divino e no sagrado, que poderíamos chamar de externa; e a segunda aquela que é provocada pela intercessão de algum objeto, ítem ou fator para ocorrer uma mudança em si, que poderíamos chamar de interno.

Durante toda minha trajetória no curso de Design, a influência da arte sempre esteve presente na minha produção, me levando a diversos questionamentos que me incentivaram a buscar experimentações e criadores que discutiam temas como corpo físico/estático, memória, movimento e cura. A investigação desses temas sempre começam no desenho que, para mim, se transforma numa forma de terapia que me anestesia da sociedade. O ato de pintar me faz entrar num looping de pensamentos que no dia-a-dia não consigo refletir. Aquela memória que circula enquanto você dilui o desenho se transforma em uma terapia contínua do si e de suas mudanças. Essa é a hora que entro mais em paz comigo, é a hora que me vejo ali no papel e consigo traduzir o que se passa na minha memória. A construção do desenho vem de várias faces que meu corpo se encontra naquele dia. Olhar no espelho a cada segundo e ver o quando o corpo e suas visões mudam sobre ele mesmo. Meu desenho é sobre essa constante mudança em um só corpo e em um só minuto. O arquétipo orgânico misturado com a diluição da aquarela traduz um corpo sem corpo, um corpo não físico em mudança. Posso por mim exemplificar meus desenhos assim como Francis Bacon comenta dois retratos que fez do escritor e amigo Michel Leiris:

"o que fiz literalmente menos parecido com ele é o que se parece com ele de forma mais dramática. O interessante nesse retrato de Michel é que ele é o que se parece mais com a sua figura, mas quando se pensa na cabeça de Michel, a gente nota que ela é arredondada, e essa do retrato tem uma forma comprida e estreita. Por isso pode-se dizer que ninguém sabe o que faz uma coisa parecer mais real do que uma outra. Eu realmente quis que esse retrato de Michel ficasse parecido com ele: não faz sentido fazer o retrato de uma pessoa se não for para ficar parecido com ela. Mas por ser comprida e fina, essa cabeça nada tem a ver com a cabeça de Michel, mas, mesmo assim, é a que se parece mais com ele." (Sylvester, 1995)

A realidade e verdade não estão do lado da semelhança representativa, assim como o gesto da memória e sua reconfiguração, mas do artifício da aparência. Enfim, o desenho e o ato de criar é para mim como uma cura alternativa, ele vem de uma mudança do interior para o exterior, no qual me traz uma paz resultante de uma meditação.

E aqui, nessa pesquisa sobre as formas outras de cura não-convencionais, decidi trazer como referência obras de Lygia Clark e da Marina Abramovic que desenvolvem seu trabalho através da contestação das doenças psicológicas e da aceleração do ambiente atual da sociedade e me ajudaram nas experimentações desse projeto alinhados com relatos de auto-cura apresentados no documentário "HEAL" e o estudo de dois rituais religiosos: a Sauna Sagrada e os ex-votos.

Além disso, acho importante explicitar que aqui eu carrego uma pequena amostra de relatos sobre as curas "populares" ou alternativas. Nesse relato, formularei as etapas para um final que não necessariamente é o fim.

¹Cura alternativa ou Medicina alternativa é o meio comumente usado para descrever práticas médicas diversas da medicina convencional.

CAPÍTULO 1

UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE OS CURANDEIROS NO BRASIL

Na época do Brasil colonial, as instituições médicas ou voltadas para esse fim eram praticamente inexistentes. Nesse período, a ciência na Europa já se desenvolvia mas, aqui no Brasil, a instituição de medicina ainda não era significativa. Por conta da precária vida na colônia e os salários baixos, a falta de profissionais médicos era evidente. De certo modo, essas decorrências ampliadas com o medo da medicina oficial e a ausências de profissionais, fizeram com que a população colonial ficasse dependente dos serviços de “bruxos”, curandeiros e rezadores. O homem daquela época tinha a percepção de que toda doença que podia vir a ter, era provinda de demônios e influências malignas e que até um olhar de uma criança ou animal poderia derivar uma cura. O método mais usado para fugir desse mal eram as plantas como a arruda, que se pensava poder ela remediar os males e afastar o “mal olhado”, elas eram usadas como amuletos e talismãs para fugir dos sortilégios. (CUNHA, 2004)

No livro “O Diabo e a Terra de Santa Cruz”, a autora evidencia as perseguições sofridas pela medicina popular colonial na época do Santo Ofício, ao qual buscava acabar com as crenças e práticas não relacionadas com a Igreja Católica. Os curandeiros foram acusados de bruxaria e charlatanismo, sendo essa prática substituída ao longo do século XVII por benzedores e santos milagreiros. Nessa época, a medicina popular tinha grande aceitação por conseguir chegar nas áreas mais longínquas do Brasil colonial onde a medicina oficial e a assistência desta não conseguiam chegar. No mesmo livro, Laura de Mello e Sousa afirma que a partir do Século XVIII, a religiosidade popular no Brasil teve um grande crescimento e que tinha ampliado seus horizontes com traços católicos, africanos, indígenas e benzedores, eles com suas palavras santas que buscavam por curar os tranquilizar os homens, curar os doentes e afastar os maus olhados da população.

CAPÍTULO 2

ALGUMAS CURAS ALTERNATIVAS NO MUNDO

As práticas alternativas hoje em dia se espalham pelo mundo todo e são uma medida para contornar a medicina convencional. Algumas práticas da medicina popular está concentrada em, o que é chamado comumente de lugar/centro de poder.

O Andarilho Jaguar Dourado diz em seu relato que esse local é onde a atenção da Mãe Terra/O Sagrado é direcionada e os vórtices de energia começam a fluir.

“Na Tradição Xamânica, acreditamos que a Mãe Terra é um Ser vivo. Quando nos dirigimos a um lugar de poder, a atenção da Mãe Terra é direcionada para aquele ponto, e vórtices de energia começam a fluir mais fortemente naquela área, reabastecendo e equilibrando o nosso ser. Cada vez que procuramos nos conectar com a Mãe Terra, ela está sempre pronta para nos nutrir e consolar. Se nunca honramos a Mãe Terra, essa conexão pode ser fraca; mas com a prática e paciência cria-se um alinhamento e a intensidade deste relacionamento começa a aumentar.”

Como o mesmo diz, esse local é onde as pessoas se dirigem para sentir uma forte ligação com o externo, ou, nas palavras dele, “o Grande Espírito”.

De outro modo, existem tratamentos alternativos no qual o processo de recuperação são guiados apenas pelo instinto do paciente. Um dos casos mais conhecidos é o do ucraniano Meir Schneider que, aos 17 anos, se curou de uma cegueira com exercícios de estímulo e relaxamento, criando o método de “Self-healing” utilizado como terapia ocupacional no Brasil e no mundo.

Esses dados para minha pesquisa foram essenciais para nesse momento, trazer brevemente alguns dos diversos tipos de cura que temos no Brasil e no mundo e que cooperaram visualmente para essa pesquisa.

2.1

RELATOS SOBRE AUTO-CURA

O Dr. Joe Dispenza, pesquisador e escritor, no documentário "HEAL - O poder da mente", descreve em seu relato como depois de um acidente de bicicleta que comprimiu seis vértebras de sua coluna, conseguiu se auto-curar. Ele diz que o prognóstico era que ele nunca mais iria caminhar e que ele precisaria de uma cirurgia chamada hastes de Harrington. Dispenza não prosseguiu com a recomendação e saiu do hospital com um único pensamento: "o poder que cria o corpo, cura o corpo".

Ele descreve que não conseguia tirar isso da mente e que sentia que havia uma inteligência que nos dá a vida. Desse modo, Joe relata que, por seis semanas e cerca de três horas por dia sem perder a concentração, conseguiu reconectar-se com essa inteligência. Ele criou um plano, um desenho, um modelo que ficaria imaginando para com a mente, reconstruir vértebra por vértebra, peça por peça numa forma de meditação. Aos poucos essas peças se encaixam uma a uma e a vértebra foi remontada como em uma cirurgia ilusória. Pouco a pouco aquele movimento costurando a coluna se daria por completo. Ele diz que imaginava todo dia uma vértebra sendo fundida em outra, montando uma coluna sem fendas e buracos.

Depois desse tempo, ele começou a notar diferenças no seu corpo. Suas funções motoras começaram a voltar, seu corpo mudou drasticamente, e ele estava de pé novamente depois de 10 semanas e de volta ao treinamento depois de 12 semanas.



FIGURA 1
JOE DISPENZA DANDO SEU RELATO NO DOCUMENTÁRIO HEAL
FOTO CAPTURADA DO DOCUMENTÁRIO.

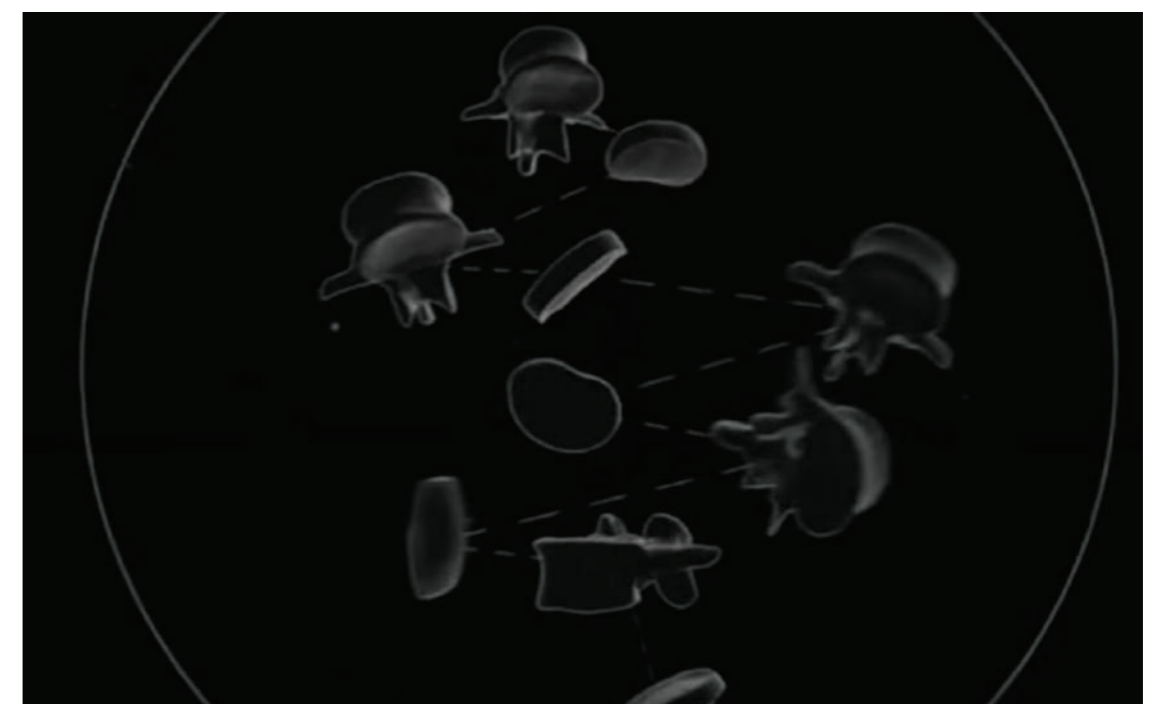


FIGURA 2 E 3
IMAGENS ILUSTRATIVAS DE COMO O JOE DISPENZA IMAGINOUSUA RECONSTRUÇÃO. RETIRADAS DO DOCUMENTÁRIO "HEAL".



FIGURA 4
ELIZABETH DANDO SEU RELATO NO DOCUMENTÁRIO "HEAL"
FOTO CAPTURADA DO DOCUMENTÁRIO.

Outro relato nesse mesmo documentário é de Elizabeth, uma pessoa saudável, que fazia exercícios e se mantinha positiva por todo tempo, mas que, em um momento da vida, ela relata que teve um relacionamento ruim e sua mãe tinha morrido de câncer. Toda sua base estava abalada mas ela continuava camuflando todos seus sentimentos com exercícios, yoga e saúde. Até o momento que começou a sentir dores de cabeça e enjoos ao longo do dia, visitou seu médico três vezes naquele ano e seu diagnóstico era dado como saudável. Foi na quarta vez que foi ao hospital e afirmou que sentia muita dor e muitas facadas no corpo que o diagnóstico mudou, estava com câncer no cólon. No primeiro momento acharam que era estágio dois ou três mas na tomografia mostrou que já estava evoluindo para o fígado e outras partes do corpo, era estágio quatro.

Depois disso e do prognóstico, os médicos indicaram rapidamente radioterapia e quimioterapia mas Elizabeth se recusou no primeiro momento pois sempre jurou com seu histórico de acupunturista que iria passar por uma cura natural com sucos e ervas. Foram seu irmão e parentes que a convenceram de passar pela medicina convencional. Juntamente com isso, Elizabeth decidiu ter uma terapia propriamente que a ajudaria, no futuro, a entender e trabalhar com todos aqueles remédios e químicos que invadiam seu corpo semanalmente. Ela aprendeu a ler aquilo como remédios e não venenos, a ver eles como se fossem pequenos soldados, ou pequenos peixes que atacavam as células de câncer, deixando o resto intacto, sem mexer no equilíbrio do corpo.

Trabalhando na terapia, Elizabeth começou a também mexer no seu passado, em memórias que estavam ocultas e ela não reconhecia, no luto, no câncer e na tristeza. Ela identificou em sua vida uma parte de trauma que estava escondido desde criança. Ela aprendeu a trabalhar esse trauma, ressignificá-lo e de se reconectar. A trazer essa memória para o bem e trabalhar essa fenda de maneira que ela pudesse fechá-la para sempre. Esse espaço aberto agora deveria ser costurado com memórias do presente e não mais do passado.

No final do tratamento de quimioterapia e radioterapia, Elizabeth estava muito fraca e não conseguia levantar. Foi parar no hospital com febre e entrou em coma, depois de algumas horas, acordou com um quadro de melhora. Depois de uma consulta com o oncologista na semana seguinte, descobriu que estava livre de câncer.

2.2

RITUAIS: SAUNA SAGRADA

"O propósito principal da Sauna Sagrada ou Inipi é o de purificar o corpo, a mente e o espírito, de forma que um novo sentido de Ser possa estar presente em nosso caminho. A sauna em si é uma cerimônia que vai além desta definição, pois ela tem ingredientes de Cura, Renovação, Transformação e Sacrifício. Águia Prateada, o meu mestre, diz que o sucesso na transformação é sempre precedido de um caos, e a Sauna Sagrada cria esse caos, visando trazer benefício para nós."

Jaguar Dourado, Andarilho

Um lugar de poder no Brasil é o Riachinho de Zezito Duarte, no Vale do Capão, Bahia. Neste local, fogueiras e a escuridão instigam o estresse para que as pessoas encontrem respostas.

"Se você pegar uma planta e a estressar, ela logo dará uma flor, um fruto ou uma semente. Um animal se você correr atrás dele e ele estressar. Ele irá morrer. O ser humano é um ser diferente, a gente tem intelecto. A gente tem que forçar o estresse para ter uma resposta do que a gente precisa na vida. O Inipi ajuda a chegar nesse estresse que achamos que não suportamos mais (no ambiente muito quente e muito escuro) para você poder ter uma resposta."

Zezito Duarte fundador do Instituto de Educação Pesquisas e Utilização das Energias Naturais - IEPUENA sobre o ritual Inipi.²

Como Zezito Duarte relata no documentário "Espaço Além" do diretor brasileiro Marco del Fiol, a proposta desse ritual é gerar uma Sauna Sagrada onde acontece a purificação do corpo, da mente, da emoção e do espírito.

O sucesso na transformação é sempre precedido de um caos. E a Sauna Sagrada cria esse caos através do fogo, da escuridão e do som. Isso acontece pois nosso corpo é feito principalmente de líquidos e estes reagem a estes fatores, gerando entropia.

Duarte continua sua explicação dizendo que quando você tem estes quatro pontos equilibrados: corpo, mente, emoção e espírito, você consegue acessar um vazio dentro de si, um buraco negro de onde tudo se origina. O ritual é construído para você entrar nesse buraco e renascer.

²Depoimento retirado do documentário "Espaço Além"

Ele finaliza seu depoimento explicando que toda nossa realidade é vivida através do nosso corpo. Cada região dele tem sua própria memória, qualquer trauma que o homem sofrer fica registrado no corpo e através do corpo que se toca na alma. Trazer o seu centro como uma presença de si e tratá-lo como seu e como sua máquina é essencial para uma revitalização do sistema e do seu próprio equilíbrio.



FIGURA 5
RITUAL XAMÂNICO - SAUNA SAGRADA, 2016
FOTO POR MILTON FRANCO



FIGURA 6
TEMASKAL, VARIAÇÃO NORTE AMERICANA
DA SAUNA SAGRADA, 1941
FOTO: UNIVERSITY OF IDAHO



FIGURA 7
INIPI - SAUNA SAGRADA, BRASIL, SEM DATA
FOTO: DIVULGAÇÃO

2.3

RITUAIS: EX-VOTOS

Outro tipo de ritual são os ex-votos. Este é definido pelo dicionário como:

“Quadro, imagem, inscrição ou órgão de cera ou madeira etc., que se oferece e se expõe numa igreja ou numa capela em comemoração a um voto ou promessa cumpridos”. (FERREIRA, Apud OLIVEIRA, 2009).

Jean Luiz³, afirma que a tradição votiva, cujas raízes remontam o paganismo, foi incorporada pelo cristianismo na Idade Média e difundiu-se pela Europa Católica, especialmente nos países Ibéricos, durante o período moderno.

“Essa prática, desde então, passou a ser compartilhada por diversas camadas sociais. Utilizados, a priori, como forma de agradecimento pela cura de uma doença, os ex-votos representavam de forma realista as agressões sofridas pelo corpo na sociedade setecentista mineira.”

Os ex-votos são objetos voltados para a cura e a “salvação” do corpo e, Jean afirma que a tradição votiva é uma religiosidade que se voltava para fins imediatos e concretos. Além de agradecer por uma cura de doença, essas práticas também eram recorridas a fim de salvarem a vida de um filho ou agradecer um fato de milagre.

Em outro momento do texto, Luiz diz que existe uma afinidade entre os ex-votos e os rituais mágicos, na medida que reafirma um caráter propiciatório que a religião assume no imaginário popular. Em seguida ele diz que em Minas do século XVII, a religião ia muito além das simples aparências ou dos aspectos exteriores da fé. Esta investia de um significado profundo, revelando estar conectada com o cotidiano.

Este ritual é praticado até hoje e utiliza o desenho, a escultura e os objetos como processo de reconfigurar uma aura e glorificar seu próprio infortúnio a fim de passar sua conquista interna à outra presença. Pode ser encontrado em pequenos oratórios ao redor do Brasil, como aqui no Rio no Oratório da Igreja São Judas Tadeu.

³Pós-doutorado da Universidade Federal de Minas Gerais, explícita o estudo da prática votiva em Minas Gerais no século XVIII.



FIGURA 8
EX-VOTOS, 2006
FOTO POR JULIO MAGALHÃES



FIGURA 9
JUAZEIRO DO NORTE, S.D.
FOTO POR JEFFERSON DUARTE



FIGURA 10
IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO - SALA DOS EX-VOTOS, 2013
FOTO POR MOEMA ANDRADE

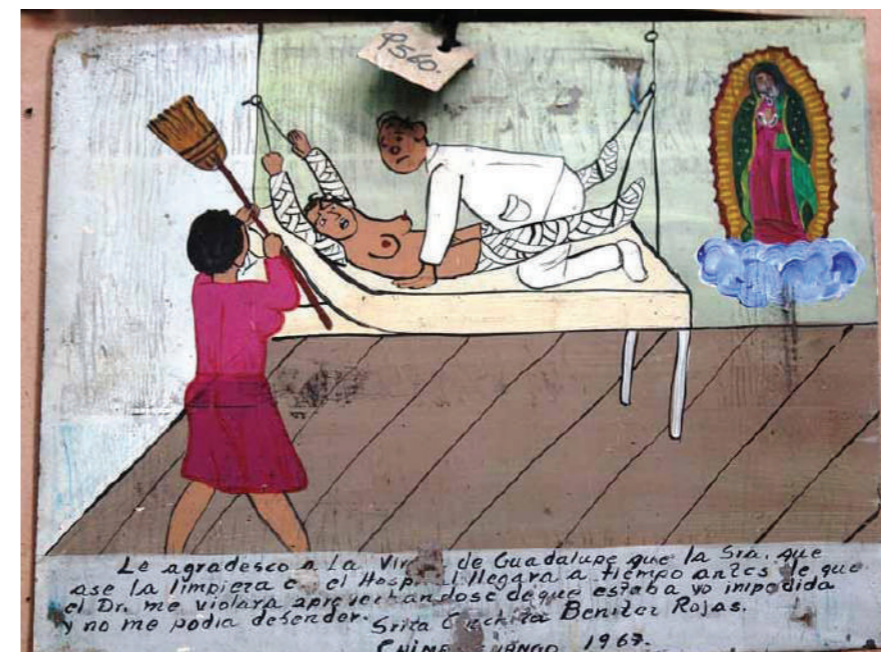


FIGURA 11, 12, 13
EX-VOTOS DESENHADOS, AUTORIA DESCONHECIDA
MÉXICO.

2.4

MARINA ABRAMOVIC: TERRA COMUNAL

Depois de sua jornada espiritual aqui no Brasil, documentada no filme de Marco del Fiol "Espaço Além", Marina desenvolveu a exposição "Terra Comunal" no Sesc Pompéia, São Paulo. Nesta exposição estão reunidos trabalhos com cristais brasileiros que chamam o público a explorar sua energia. Também conseguimos ter acesso aos exercícios de duas horas e meia, em uma aula que lembra uma meditação, da versão de seu famoso método. Estes são uma antítese do ritmo acelerado da cidade. Ela diz que esse método consiste em doar tempo realizando exercícios de respiração e de meditação com cristais para apurar a percepção. Como a artista diz no documentário, ela quer ajudar a ampliar consciências através da arte. Os cristais foram o ponto crucial de um processo gradual no qual a artista passou a se retirar da própria obra e a oferecer o protagonismo ao público

"A arte, como Marina a prática, é religiosa" afirmou o psicanalista João Frayze-Pereira no debate organizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e pelo Museu da Imagem e o Som. O psicanalista conectar a obra de Marina a religião, diz que através da etimologia da palavra o "religar" argumenta com a obra da artista que busca reconectar o ser humano ao próprio corpo "Não é uma coisa do além. É no próprio corpo, porque nós somos alienados dele".

O jornalista Silas Marti resume que na cena dos cristais, que encerra o documentário, Abramovic dá a entender que a arte não é necessária na natureza, mas sim nas cidades onde o cotidiano é mecânico, agressivo e não abre brechas para a comunhão, a contemplação ou misticismo. Ele conclui que a arte seria, portanto, a religião dos que não tem religião.

O diretor Marco del Fiori, no debate, diz que "O que ela faz é uma imantação do espaço, ela cria campos magnéticos com o exercício da presença"

Numa entrevista para a revista Veja São Paulo, Marina diz que nessa exposição ela trabalha com o tempo e a desconexão do público com o ambiente desordenado. Ela cria um ambiente para a pessoa se conectar com ela mesma, sem interferência da mecânica da cidade.



FIGURA 14
MÉTODO ABRAMOVIC - SESC POMPÉIA - SÃO PAULO
FOTO DE DIVULGAÇÃO

FIGURA 15
MÉTODO ABRAMOVIC: À FRENTE, O EXERCÍCIO EM QUE OS PARTICIPANTES FICAM DEITADOS E, AO FUNDO, UM GRUPO FAZENDO A CAMINHADA EM CÂMERA LENTA
FOTO DE DIVULGAÇÃO



FIGURA 16
MÉTODO ABRAMOVIC - SESC POMPÉIA - SÃO PAULO
FOTO DE DIVULGAÇÃO

2.5

LYGIA CLARK E OS OBJETOS RELACIONAIS

Por último, trago os tratamentos com arte relacional através do relato do psiquiatra e artista plástico Lula Wanderley no livro "O dragão pousou no espaço". Neste livro, ele conta relatos de seus pacientes que aceitaram participar de uma nova terapia organizada no "Espaço Aberto ao Tempo", uma pequena clínica localizada no subúrbio do Rio de Janeiro onde era oferecido tratamento para distúrbios mentais graves.

Com os objetos relacionais, o processo de estruturação do self e os exercícios de palavragesto, extraídos de uma longa vivência que o artista tinha com Lygia Clark, Lula usa da arte como meio de reconstrução das memórias. Ele nunca fala da obtenção de "cura" através dos métodos de Lygia, mas de trazer um "melhor contato afetivo com a realidade", ou um "desbloqueio de nossa relação com o mundo".

O objeto relacional, em específico, cria uma relação com o corpo por meio de textura, peso, tamanho, temperatura, sonoridade e movimento.

"São pequenos sacos de tecidos (almofadas) repletos de terra, ou sementes finas, bolinhas de isopor, de plástico com água ou com ar, outros, "De embalar verduras" com pedras pequenas e redondas, outros, ainda, de rede que envolve em uma das extremidades uma pedra e na outra um saco com ar etc.." - (WANDERLEY, 2002 p.35)

Visto que são objetos cotidianos e simples, o importante é a potencialidade sensorial que contém em suas texturas, pesos e temperaturas que se conectam em uma memória pré-verbal com o corpo.

"E no fluxo entre o cheio e o vazio, no movimento da ausência e da presença, no dentro e no fora, no leve e no pesado, no quente e no frio etc., essa relação corpo/ espaço/objeto/ambiente., os objetos deixam de ser vários e ganham uma unidade" - (WANDERLEY, 2002 p.35)

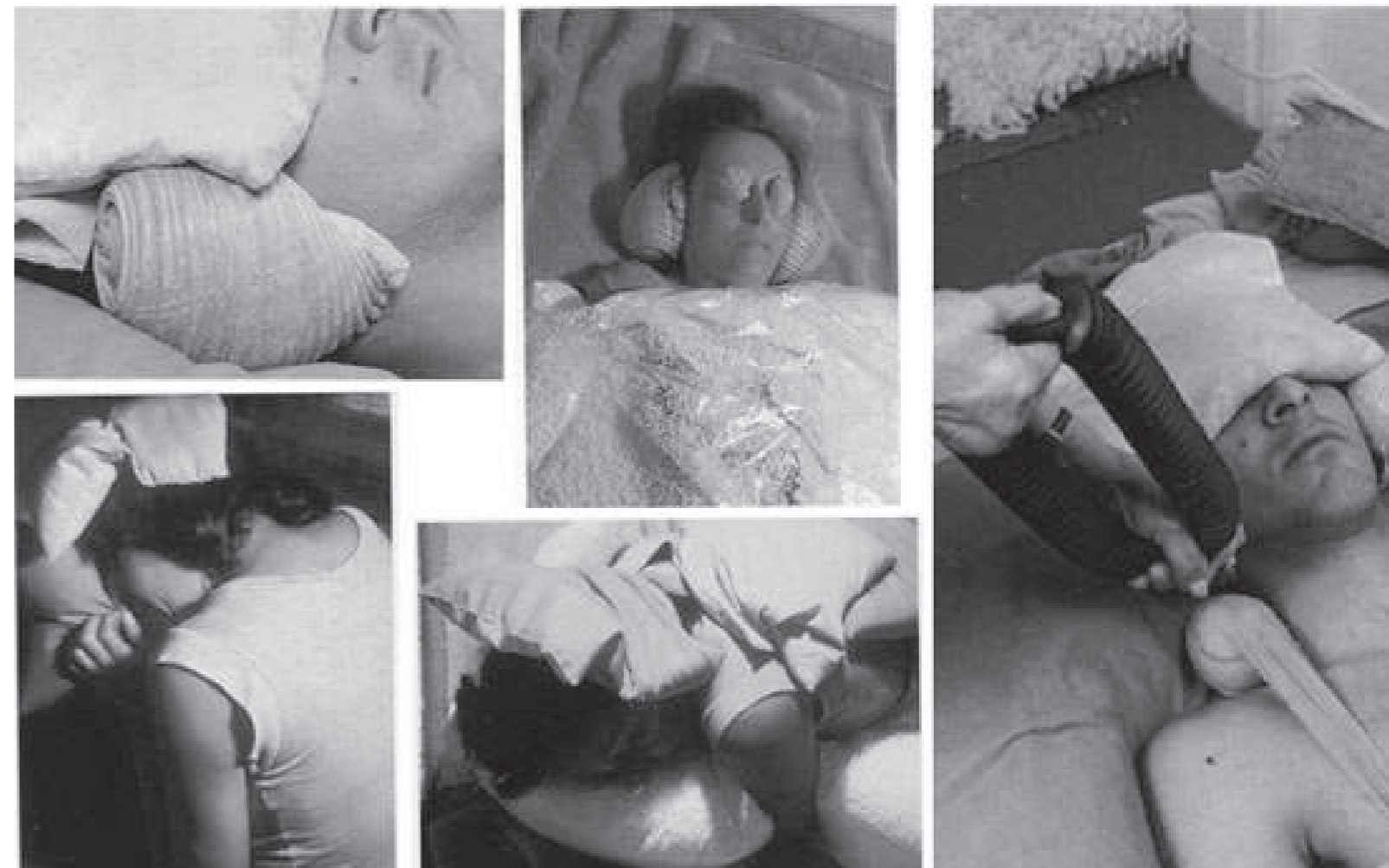
Ao longo do livro, Lula relata uma série de pacientes e suas reações aos objetos relacionais. Algumas com finais positivos de reestruturação e uma retomada significativa a uma vida comum e outros em que a conexão não foi extremamente forte e os pacientes retornaram à clínica. Entretanto o que mais

me chamou a atenção foi a relação que os objetos tiveram com o corpo do paciente que, no sonho, conseguiam rever seus medos, passados e conseguiam transformar sua visão do mundo.

O Objeto Relacional e sua plurissensorialidade acabava fragmentando a percepção do paciente sobre o seu corpo. Ele criava fendas e, por elas, se alojava. Ou seja, é necessário que o corpo se fragmente para que o vazio se instale e o objeto, reconstruído como corpo, preencha o vazio.

Talvez se possa dizer que a cura, nesse processo, era de dentro pra fora. Os objetos se relacionam com o corpo e seus intermediários, com seus sinais, e a percepção dos pacientes sobre o mundo se reorganiza.

FIGURA 17
OBJETOS RELACIONAIS, 1980
FOTO SEM AUTORIA



CAPÍTULO 3

ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO

Depois dessa coletânea de alguns tratamentos e curas alternativas, decidi pesquisar dois tipos de natureza desta: a primeira que advém de uma religião, ambiente ou uma força misteriosa, que poderíamos chamá-la de cura externa e a segunda sendo uma cura provocada pela intercessão de algum objeto, ítem ou fator para promover a mudança no seu corpo, que poderíamos chamar de interna. Neste último, não temos qualquer terceiro envolvido a não ser seu corpo e a conexão deste com o si podendo este ter a intercessão de algo sem ter o peso de divino ou místico.

A intercessão, como diz o filósofo Gilles Deleuze, é qualquer ponto onde duas paralelas de pensamento se encontram e, a partir deste, fazem com que o pensamento se movimente. Neste cruzamento, o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor. Sem os intercessores não há criação e sem eles não há pensamento.

“O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro.” (DELEUZE, 1988, p. 156)

Os objetos, itens ou fatores operam o duplo papel de intervenção e intercessão, desviam-se para chegar “entre” e não na origem ou no fim do movimento. Sua tarefa é menos a de intervir como sujeito e mais a de aliar-se. Seu movimento é comparável com o do surfista, isto é, o de entrar numa onda preexistente.

“Já não há uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. [...] ‘Chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço” (p. 151).

Eu posso também dizer nesse momento que há uma ação de intercessores no âmbito da cura externa mas aqui seria a intercessão mística onde no ato de uma potência ou de um vórtice, seu pensamento se movimenta.

Nas curas relatadas, então, temos a intercessão dos cristais na obra de Marina Abramovic, dos Objetos Relacionais na obra de Lygia Clark, do fogo, do som e da escuridão no ritual Inipi, da promessa ou do santo nos ex-votos e da meditação e da terapia nos relatos de auto-cura.

Podemos aqui ver e analisar que os mais diversos movimentos, sem a consciência do sagrado ou do científico, tem a troca mútua da pessoa para o si. Essa troca e a consciência do intercessor para tal acontecer é o que difere todas as curas apresentadas aqui. O crer é a maior habilidade descrita para a cura, segundo o documentário “Heal”. Todas as maneiras de gerar uma cura alternativa, que não utiliza remédios, químicos ou “controladores”, se afirmam através da crença do ego com seu próprio corpo. Todas as curas alternativas acabam se sobrepondo em devir do crer.

“O poder da crença é quase tudo. O que você pensa e acredita neste momento, diz a seu sistema imunológico: “Pare, não trabalhe pois temos que fugir de um estressor” ou: “Está tudo bem. Por que não relaxamos e se houver algo a ser trabalhado, nós o faremos?” Você está sempre entre o “lutar e fugir” ou “descanse e se recupere”. E são suas crenças que vão fazer a mudança”
Kelly Turner, pesquisadora sobre remissões radicais.⁴

Talvez aqui possamos dizer que mesmo sendo divergentes os intercessores para tal saúde do corpo, todas as curas alternativas acabam se assemelhando no ponto da intercessão da crença. As curas se confundem/sobrepõe e dependem da análise da pessoa que está sendo curada.

Como mostrado na obra dos Objetos Relacionais de Lygia Clark, a pessoa e o objeto se confundem. É a mente que ressignificou o trauma a partir daquela terapia ou é o objeto que gerou uma cura na memória da pessoa? Aqui neste ponto, a cura é externa, dos objetos naturais para o corpo, ou interna, da mente para o corpo? Será que o divino e o místico não atuam, aqui nesse ponto, assim como no ritual Inipi o contato com elementos da natureza também instigam a chegada a cura?

⁴Depoimento retirado do documentário HEAL.

CAPÍTULO 4

O PROJETO

Talvez, nesse momento, a percepção do usuário a partir da sua crença que elimina a dualidade de todas as curas alternativas. Aqui estamos num campo onde as questões beiram o imaterial e o sensível e, tenho por mim, que quase um campo onde o ego se estimula de maneira ilusória e paradoxal. E foi neste ponto que comecei a puxar para as experimentações a seguir. Trazer todos esses relatos para aqui chegar numa compreensão quase imagética de paradoxo foi essencial para este trabalho. A pesquisa acaba por se mesclar com a produção durante o processo dos experimentos. Um campo tão longe do design acaba por ser mesclado no entendimento da criação visual. O "traduzir" visualmente a questão principal da cura alternativa e da sua ambiguidade, é o ponto que iremos abordar nos desenvolvimentos propostos.

4.1

A RECRIAÇÃO DO EU

De acordo com Jorge Juarez Teixeira⁵, o sujeito adoecido encontra-se preso a uma espécie de máscara, projetando uma presença ou um "estar presente" da maneira eleita, desejada. No entanto, essa presença vem explicitar, pouco a pouco, como afirma Teixeira, um espaço de profunda intimidade, que espelha não mais um outro mas a si mesmo, isto é, podemos dizer, a apresentação de nossa enfermidade ao mundo através de nossa presença adoecida seria o limite de uma enfermidade desconhecida e profunda à qual apenas o sujeito doente consegue ter acesso.

Deste modo, parte da minha iniciativa nessa pesquisa foi tentar acessar essa presença de si no momento em que acontece o ritual de devoção e oração dos templos de fé, na cura externa. É o momento em que todos se encontram no oratório e todos trabalham juntos. Não é só uma expressão de empatia mas todos os indivíduos colocam sua energia naquele momento e pensamento. Esse momento/ambiente se torna um vórtice.

Diante disso, para mostrar essa concentração de presenças, tentei apresentar o corpo a partir de uma imagem mínima: através das plantas dos pés. Para a reflexologia, os pés têm linhas de força que evidenciam o funcionamento de todo o nosso corpo. Comecei fazendo moldes dos meus próprios pés em gesso, mas esses objetos, por serem muito finos, mostraram-se frágeis e facilmente decompostos.

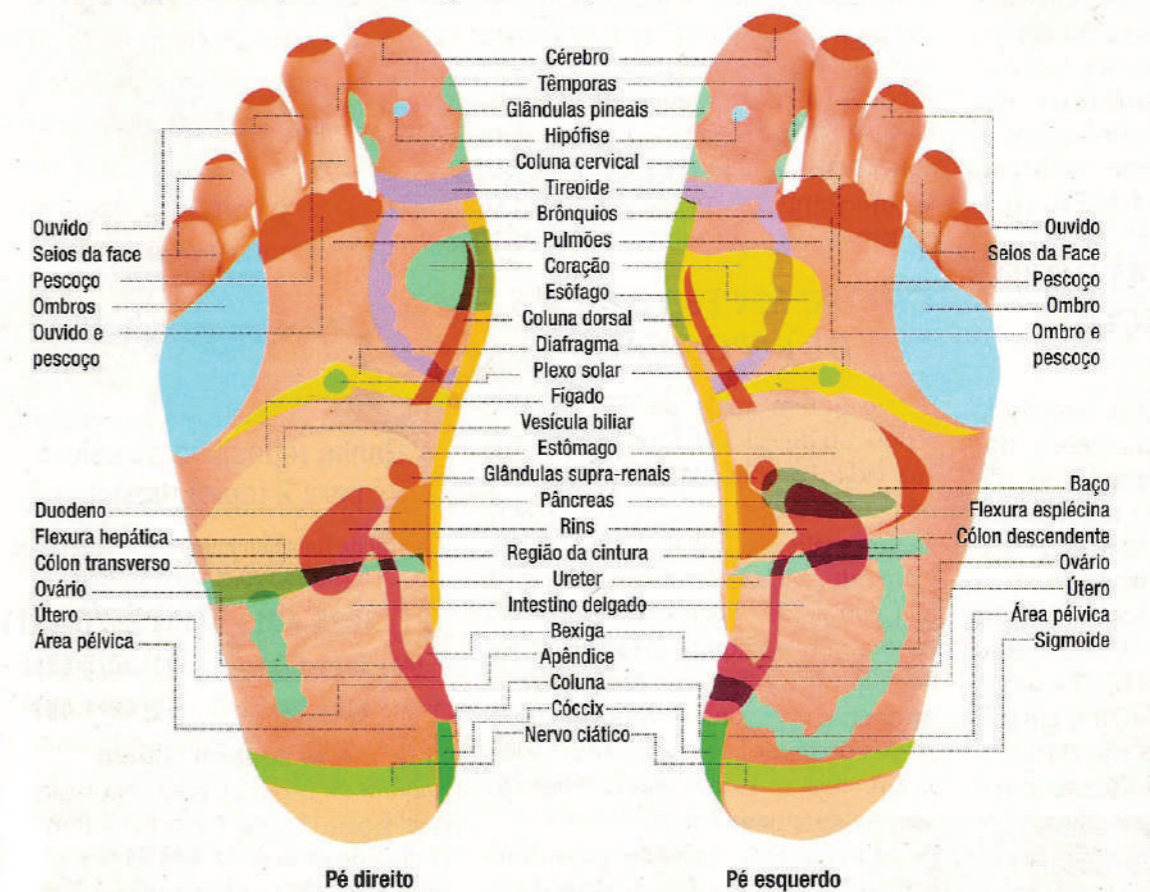


FIGURA 18
REDE DE ORAÇÃO NA IGREJA ADVENTISTA DE PERNABUCO, SEM DATA
FOTO DE DIVULGAÇÃO

FIGURA 19
MAPA DA REFLEXOLOGIA DOS PÉS, SEM DATA
FOTO DE DIVULGAÇÃO

O MAPA DAS PLANTAS DOS PÉS

Saiba quais pontos correspondem a cada órgão do seu corpo



De algum modo, eu tentava me aproximar da lógica dos ex-votos. O objeto de cera que é levado aos oratórios para agradecer a uma promessa de cura. Ele é uma divisão entre o mundo real e ilusório, é um súplica e oferenda, é uma demonstração de espiritualidade e de gratidão pela obtenção de algo que a capacidade humana foi julgada incapaz de atingir. No ex-voto a pessoa manifesta-se como um objeto de relação com si, com os seus semelhantes, com a natureza e com o que entende ser o Supremo.

Aqui nesse ponto, tento recuperar as naturezas da cura externa e da cura interna pela noção entre a pessoa projetar e se projetada ao mesmo tempo. Ela idealiza um corpo outro nas salas de oração, um corpo de saúde que a ajudará, como nos rituais de ex-votos mas ao mesmo tempo, medita ali num transe e projeta um si próprio, como nos relatos de auto-cura. Neste ponto, não sabemos se a cura vem do sagrado ou da mente, não sabemos o intercessor.

A sala deveria ser acompanhada por várias dessas presenças que alinham se paralelamente uma a outra e às vezes se fundiam, como em um único coro por um mesmo propósito. Juntamente com o pés, seus autores fazem uma rede de vozes com relatos sobre cura. A sobreposição dessas vozes em um uníson, torna-se uma terceira voz, uma oração. Nesse momento tento trazer a ideia de imagem do vórtice, a junção de todos os elementos em um looping de energia, no qual os objetos se encontram entre si e se sobrepõe igualmente as vozes que acompanham eles.

FIGURA 20 E 21
PRIMEIRO TESTE DE MOLDE DO PÉ EM ATADURA GESSADA.





FIGURA 22 E 23
PÉS GESSADOS ORDENADOS NA PAREDE
REPRESENTANDO AS SALAS DE ORATÓRIO.

FIGURA 24 E 25
PÉS GESSADOS JUNTOS EM UM UNICO CORO,
COMO UM VÓRTICE.

4.2

AUTO IMAGEM

Em um segundo momento, a partir de uma coletânea de ex-votos, que além de usar as esculturas de pés como devoção também utilizavam os desenhos, tentei analisar essas imagens expondo as falsas noções que congestionam sua mente, ou seja, traduzir essas imagens de modo que o ser humano seja seu próprio curador.

As imagens dos ex-votos normalmente são descritas com três aspectos básicos: o primeiro sendo a cena que sempre retrata a situação enfrentada pelo fiel e que exigiu a intermediação divina. No topo da imagem, normalmente flutuando, o artista pinta o santo que ajudou a pessoa naquela situação. Por fim, uma legenda, abaixo da pintura, costuma explicá-la e conter os nomes dos fiéis que tiveram o pedido atendido e que mandaram fazer a oferenda em forma de arte. Em geral os quadros são pequenos, de material barato e pintados na horizontal.



FIGURA 26
IMAGEM VOTIVA UTILIZADA COMO REFERÊNCIA
VOTIVE PAINTING FOR OUR LADY OF SAN JUAN DE LOS LAGOS,
MEXICO, 2008
AUTOR DESCONHECIDO

Desse modo, coletei imagens de devoção diversas, fiz um recorte no personagem e redesenhei com o objetivo de deixar sem ruídos. Tudo que poderia dar alguma interferência na imagem foi eliminado como roupas, acessórios, sapatos, objetos, palavras, luz e sombra. O resultado é uma massa de energia que classificaria nosso corpo, mente, emoção e espírito (pontos importantes e que se repetem em todas as curas alternativas) tudo em um fluxo que se repassa entre a doença e a cura de um ser.

O traço representa a auto-imagem do ser humano enquanto se desumana, quando se objetiva em imagem um si próprio que se desapropria ao retornar sobre si, isto é, ao voltar atrás, ao retratar-se entre as coisas do mundo. O desenho se entrecruza para mostrar como o movimento se traduz num corpo não estático. Assim como na obra de Anselm Kiefer, o ponto crucial do movimento é configurá-lo, desfigura-lo e fazê-lo ressurgir sob outra forma⁵.

Talvez nesse momento a figura humana não se coloca tanto em termos de equilíbrio entre o desenho e o modelo seguido, entre suas aparências ou dessemelhanças e nem da discussão de ser si próprio ou de alhear-se de si. Como afirma Rogério Luz sobre o corpo na obra de Francis Bacon, ele se coloca em termos de um devir síncrono de identidade e alteridade, contrariedade paradoxal e relação exclusiva do mesmo e do outro.

“Para além do organismo, mas também como limite do corpo vivido, existe o que Artaud descobriu e nomeou: corpo sem órgãos. [...] Toda uma vida não orgânica, porque o organismo não é a vida, ele a aprisiona. O corpo é inteiramente vivo e no entanto não orgânico. Dessa maneira, a sensação, quando atinge o corpo através do organismo, assume aspecto excessivo e espasmódico, rompe os limites da atividade orgânica. Em plena carne, ela é diretamente levada sobre a onda nervosa ou a emoção vital. Pode-se acreditar que Bacon encontra Artaud em muitos pontos: a Figura é precisamente o corpo sem órgãos (desfazer o organismo em proveito do corpo, o rosto em proveito da cabeça): o corpo sem órgãos é carne e nervo; uma onda o percorre, que traça níveis nele; a sensação é o encontro da onda com as forças que agem sobre o corpo, ‘atletismo afetivo’, grito-sopro; quando ela também é remetida ao corpo, a sensação deixa de ser representativa, ela torna-se real, e a crueldade será cada vez menos ligada à representação de alguma coisa de horrível, ela será somente a ação das forças sobre o corpo, ou a sensação (o contrário do sensacional)” - Deleuze 1984, p. 33-4.

⁵Referência ao documentário: Anselm Kiefer: Remembering the Future



FIGURA 27, 28 E 29
RELEITURA DOS EX-VOTOS FEITOS EM PRETO E BRANCO.

4.3

A SOBREPOSIÇÃO DO EGO

Partindo desses primeiros desenhos, o próximo passo foi trazer a fronteira da cura externa e da cura interna. Nesse momento, tento começar a pensar em como trazer o público para participar dessa sobreposição imaginal entre a crença e a cura.

Com uma sequência de desenhos divididos em trípticos, consigo aqui manifestar a análise dos pontos de simetria e de intercessão entre a cura externa (segunda linha) e a cura interna (primeira linha) como em um jogo de quebra-cabeça onde todos os desenhos se conectam pelos seus pontos em comum nas folhas.

A cura externa é representada pela junção dos estudos de ex-votos e seus desenhos, onde o oratório, o santo e a benção são caracterizados na forma do desenho e explícita a energia vinda pelas partes extremas do corpo (representada pelos traços contínuos no desenho) e também pela epidemia (representado pelos círculos) que se envolve em fluxo. Já a cura interna é demonstrada pela coletânea de fotos antigas na qual pessoas correndo e manifestando o sinais de saúde incorporam a transmissão de energia (representada pelos traços) entre o corpo e a mente. A diluição das fronteiras entre as naturezas das curas se dão pelo fluxo da imaginação da pessoa que manipula as peças. Todas as curas estão desenhadas em sobreposição das auto-imagens, ou seja, elas representam o ego em suas diversas manifestações de movimento. O ego, segundo Freud, a instância que fica tentando dar conta das expressões do id (forças instintivas e impulsionais), das ordens do superego (consciência moral) e das exigências da realidade externa. (FREUD, 1980)

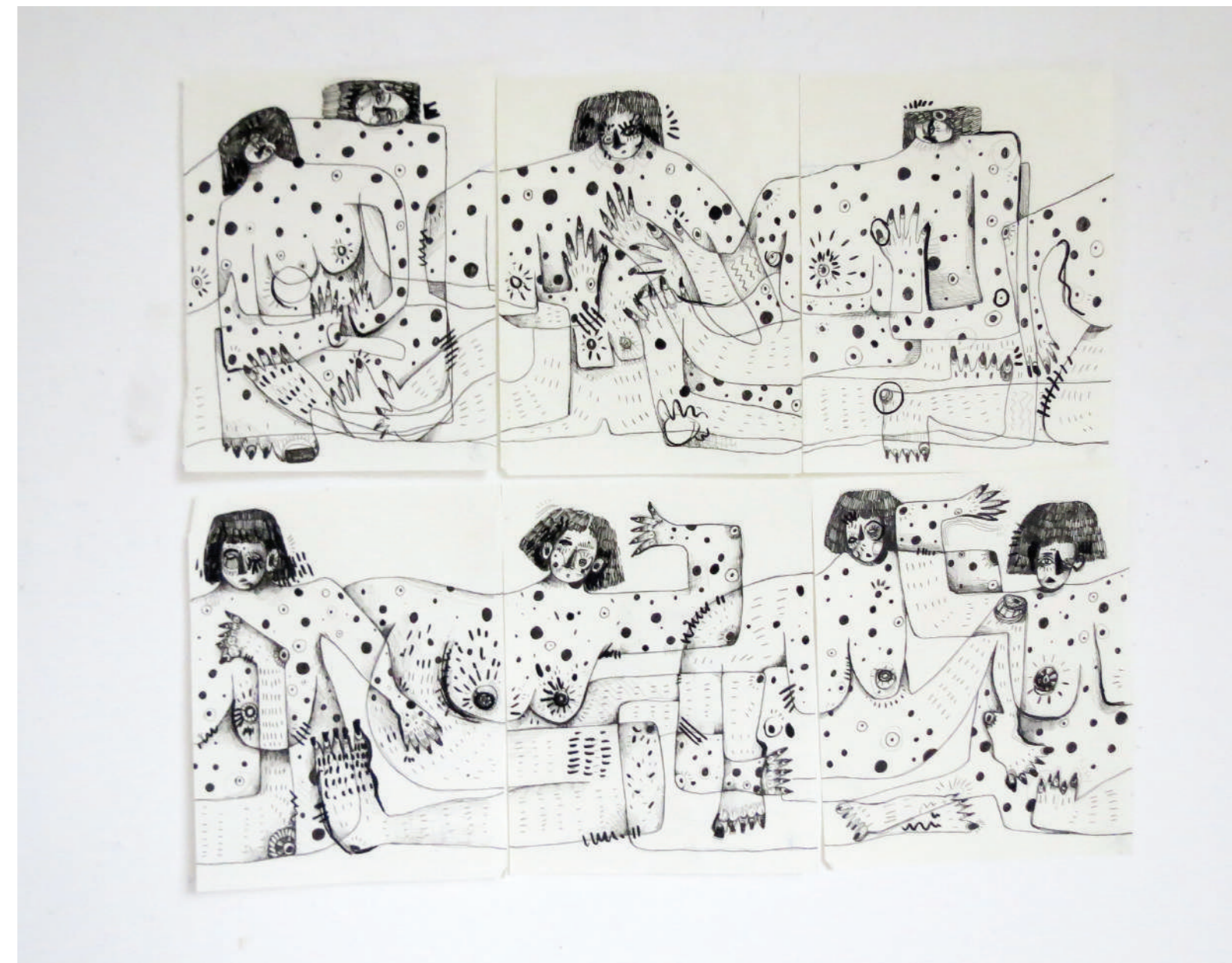


FIGURA 30
RASCUNHOS DIVIDIDOS ENTRE AS DUAS NATUREZAS IMAGINAIS DA
CURA: INTERNA (PRIMEIRA LINHA) E EXTERNA (SEGUNDA LINHA)

Como em um jogo de cartas, os dois trípticos conseguem se mesclar, trocar de faces, se reorganizar. A noção de perspectiva entre a o público e a obra se concentra aqui onde o olhar para os intercessores e ênfase na camuflagem destes se dar por instigar a imaginação da pessoa pelo o que ela está vendo.

A tinta, em um segundo momento, é escolhida por ser a aquarela já que ela exige uma abundante massa de água para funcionar. A diluição e o carregamento de tinta que vão e voltam formando pequenas e grandes manchas durante o desenho, acabam por demonstrar um significativo corte de energias que entre passam a doença e o recobrimento de saúde no homem. Nunca estamos 100% de saúde e 100% de doença, estamos sempre no devir do equilíbrio.

Entretanto, a parte importante que é o público, se perde no momento em que a imagem não se convida a ser tocada. Uma pintura cria uma "aura" intocável, a assinatura é um véu de obra finalizada e que não precisa de retoque. A pessoa fica inibida de tocar no papel, de tocar na tinta, de tocar na textura sem um vidro entre ela e a obra.



FIGURA 31, 32 E 33
PRIMEIRO TESTES FEITOS COM AQUARELA

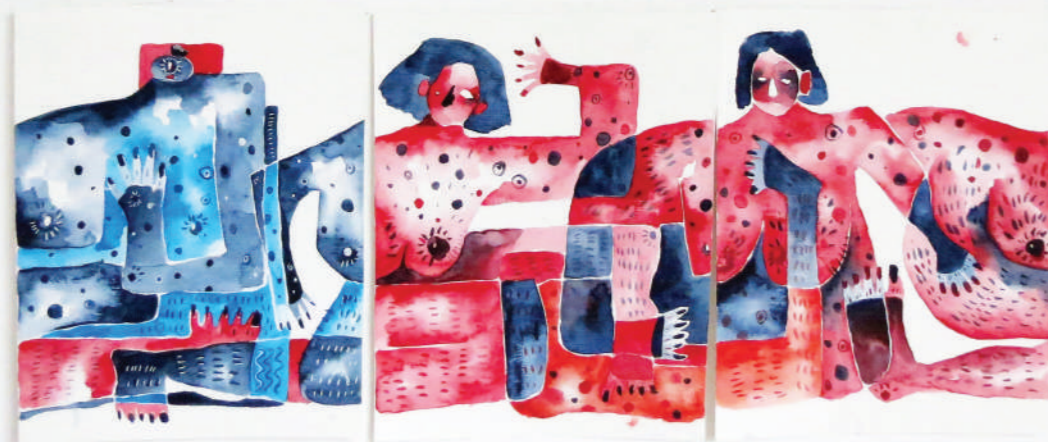




FIGURA 34
ÚLTIMOS TESTES FEITOS COM AQUARELA

4.4

O INSTRUMENTO DO USUÁRIO

“um organismo vivo, uma obra essencialmente atuante. Entre você e ele se estabelece uma integração total, existencial. Na relação que se estabelece entre você e o Bicho não há passividade, nem sua nem dele” – LYGIA CLARK – 1960

Inspirado no trabalho neoconcretista da Lygia Clark os “Bichos” e na experimentações do girar de um cubo mágico, tentei retirar os desenhos do papel e montar uma massa tridimensional. Nesse momento, o mais importante é pensar no quão o objeto consegue se ligar e instigar o personagem que o manipula.

Quando tiramos o papel e montamos um instrumento, segunda a Teoria do não-objeto do Ferreira Gullar, a obra torna-se “aberta” e “inacabada”; aberta à participação do espectador e inacabada pois dependente deste para a sua completa realização.

O experimento começa em uma caixa de acrílico transparente, que representa o corpo. Ele é um espaço rígido que protege a massa transparente de dentro, trazendo a sobreposição de camadas de diáfano. Aqui em questão está exposto o quão o intercessor é o homem, é o movimento do dentro e do fora, do corpo e da mente. A caixa, mesmo pesada e tensa, não esconde o que será visto, ela funciona como um casulo. É a intercessão do homem agora que fará o objeto funcionar.

Depois de abrir a caixa pegamos um objeto extremamente delicado, com aparência transparente feito de acetato. As junções das seis faces desse instrumento se dão por espirais feitas por um fio de silicone flexível, para conseguirmos mexer e reconstruir o objeto a cada movimento e do jeito que o usuário quiser. Assim como a troca das faces do cubo mágico, o instrumento foi feito para ser girado e movimentado. Nesse momento a obra não qualifica o dentro e o fora, nem o que está dentro do objeto e nem o que está em seus vãos. A obra se qualifica por suas camadas, sobreposições e pelo estímulo do público a decidir o que aconteceria na sua interpretação.

Se a intenção aqui era de despertar o desejo do toque e quis também trazer novamente o questionamento através dos desenhos e da imagem, um princípio extremamente importante para o meu trabalho ao longo desses anos de graduação. Desse modo, no escuro e com uma luz não-difusa, trago do invisível o desenho. Os mesmos do trabalho anterior agora aparecem desencorpados no processo de construção da cura. Nesse momento, a intercessão não é só na

simetria horizontal do desenho e sim em qualquer parte onde as linhas se encontram dentro do mesmo. A projeção faz com que seja mais visível que o usuário manipule o objeto do mesmo jeito que o objeto manipula o usuário. A projeção nunca é somente do objeto, o manipulador também acaba aparecendo na exibição.

Os desenhos, que trazem o questionamento entre a cura externa e interna, agora são preparados para aparecer em um segundo momento de deslumbre. O “procurar” e “remontar” que o usuário terá ao manipular o objeto é o ponto de conclusão deste trabalho. O usuário, a partir da sua interpretação, da sua crença e da sua potência imaginal, atravessa a dualidade aparente dos sentidos curadores de todas as curas alternativas.

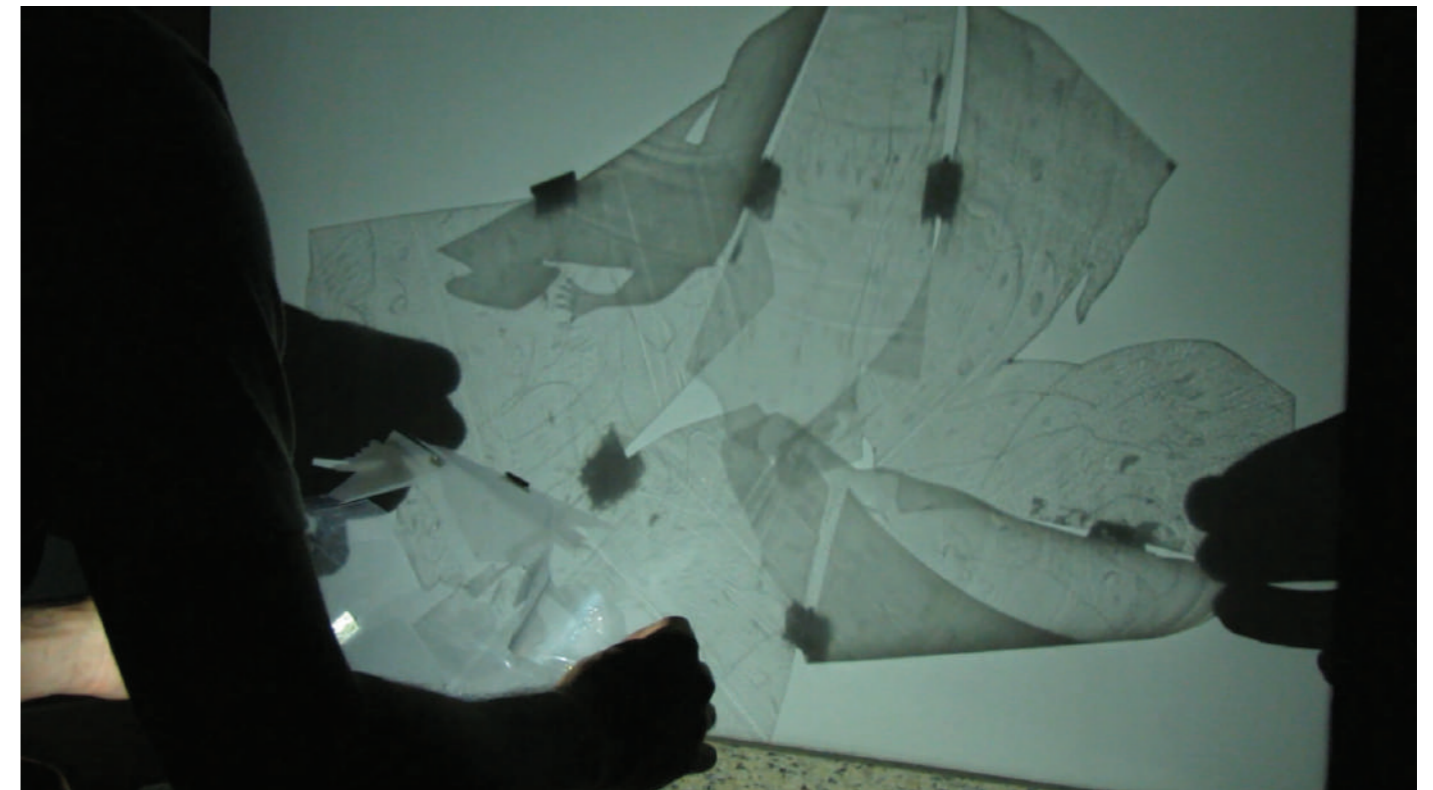


FIGURA 35
PESSOA MANIPULANDO O INSTRUMENTO.

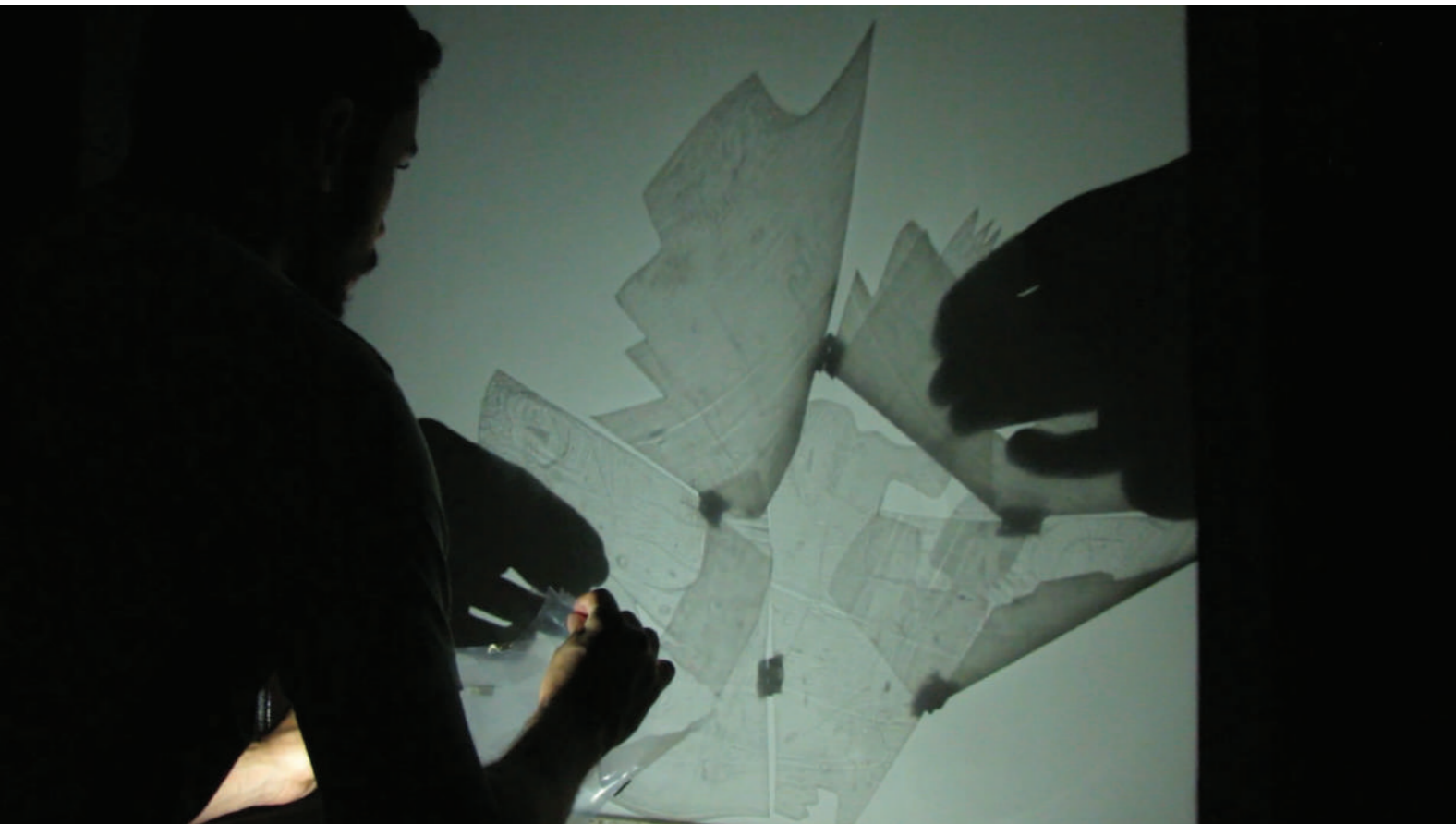


FIGURA 36 E 37
PESSOA MANIPULANDO O INSTRUMENTO.

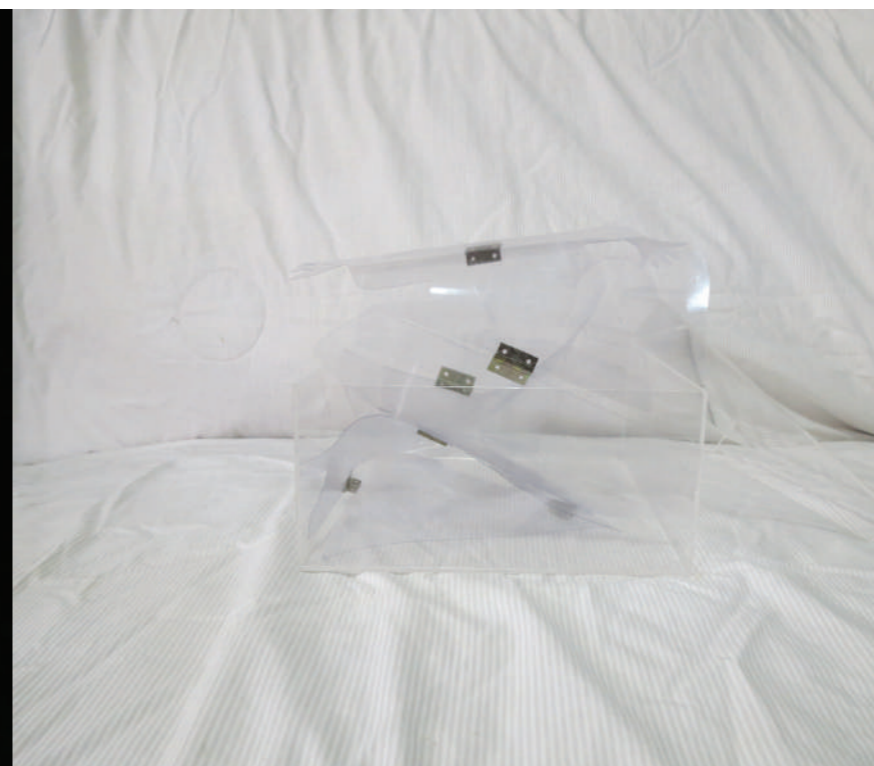


FIGURA 38, 39, 40 E 41
CAIXA E INSTRUMENTO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de apontar que o projeto fez com que eu aprofundasse mais ainda o olhar sobre minhas criações relacionadas ao tema aqui abordado. Os tratamentos e curas alternativas são um campo tão imaterial e tão delicado que deixam uma grande margem de como tratar e abordar eles. O processo imagético desenvolvido me aponta metodologias de cura tão poderosas quanto os mais radicais tratamentos convencionais.

Externar aqui uma análise de alguns dos tratamentos alternativos existentes no Brasil e no mundo e juntá-los à formar um processo longo e extremamente detalhado, fez com que esse trabalho de conclusão de curso se tornasse cada vez mais pessoal e profundo. Visto que, cada experimento acaba trazendo um pedaço mais íntimo do meu próprio eu procurando a manifestação da cura.

Todo o processo pensando no outro acaba refletido em mim quando passamos por meus pés, meus desenhos e meu reflexo. Cada ponto de estudo passa por todos os meios de imagens que aprendi durante o curso de Design e esses anos de graduação.

É também uma tentativa de legitimar, e transformar em potência, as características do papel de cada ser humano na sociedade contemporânea. A interpretação do seu eu tem a capacidade de mudar qualquer tipo de afirmação sobre o mundo. A sua concepção e sua crença sobre seus interesses e sobre sua maneira de ver o que está acontecendo ao seu redor, te dão a maior visibilidade sobre os assuntos em questão.

Para concluir, a todo o momento tento propor que a fronteira imaginária seja questionada e sobreposta, através dos experimentos projetados. A crença que aqui se apresenta como mecanismo de conexão entre a pessoa e sua decisão de cura, serve como um meio de sobrepor todos os caminhos, mesmo que distantes, entre o ser, estar e pertencer.

REFERÊNCIAS

Abreu, J. L. "O imaginário do milagre e a religiosidade popular. Um estudo sobre a prática votiva nas Minas do século XVIII". Belo Horizonte: UFMG, 2001. (dissertação de mestrado. Mimeo)

CASTANHO, Laura. Marina Abramovic faz religião da arte diz psicanalista. Folha de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/marina-abramovic-faz-religiao-da-arte-diz-psicanalista.shtml>>. Acesso em: 14 de set. de 2019.

CUNHA, Carlos Alberto Miranda. A arte de curar nos tempos da colônia Limites e espaço da cura, Recife, Fundação de cultura cidade do Recife, 2004.

DELEUZE, G. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles 1984: Logique de la sensation. Paris, Éditions de la Différence.

DOURADO, Jaguar. Inipi. Caminho Xamânico, 2015. Disponível em: <<http://www.xamanismo.com/nossa-cla/inipi/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

ESPAÇO ALÉM - Marina Abramovic e o Brasil. Direção: Marco Fiol, Produção: Minon Pinho, Jasmin Pinho. Brasil (BR): Casa Redonda, 2016.

FREUD, S. O ego e o id. ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIX

HISTÓRICO. Método Meir Schneider Self-Healing no Brasil, 2017. Disponível em <<https://www.selfhealingbrasil.com.br/historico>> Acesso em: 29 de nov. de 2019.

HEAL - O poder da mente. Direção: Kelly Noonan, Produção: Adam Schomer, Richell Morrissey. Estados Unidos(EUA): Elevative Entertainment, 2017.

LUZ, Rogério. O corpo desfeito por Francis Bacon. Nat. hum., São Paulo , v. 2, n. 2, p. 301-328, dez. 2000 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 nov. 2019.

SÃO PAULO, Veja. Marina Abramovic - Performance, cristais e pão de queijo. 2015. (4m14s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ODpt_nsOchHo>. Acesso em: 22 out. 2019.

SYLVESTER, David 1995: Entrevistas com Francis Bacon - A brutalidade dos fatos (trad. Maria Teresa Resende Costa a partir de Interviews with Francis Bacon, 1995). Cosac e Naify Ed. Ltda (sem indicação de cidade e de data de publicação), p. 146.

SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo: Companhia das Letras, 1986

TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira "O significado da intervenção médica e da fé religiosa para o paciente idoso com câncer e a percepção dos profissionais de saúde". São Paulo: USP, 2003.

WANDERLEY, Lula O dragão pousou no espaço Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2002

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Joe Dispenza dando seu relato no documentário heal Foto capturada do documentário.	10	FIGURA 17 Objetos Relacionais, 1980 Foto De Divulgação	27
FIGURA 2 e 3 Imagens ilustrativas de como o joe dispenza imaginou sua re- construção. Retiradas do documentário "HEAL".	11	FIGURA 18 Rede de oração na igreja adventista de Pernabuco, sem data Foto de divulgação	31
FIGURA 4 Elizabeth dando seu relato no documentário heal Foto capturada do documentário.	12	FIGURA 19 Mapa da reflexologia dos pés, sem data Foto de divulgação	31
FIGURA 5 Ritual Xamânico - Sauna Sagrada, 2016 Foto Por Milton Franco	15	FIGURA 20 E 21 Primeiro teste de molde do pé em atadura gessada.	33
FIGURA 6 Temaskal, variação norte americana da Sauna Sagrada, 1941 Foto: University of Idaho	16	FIGURA 22 E 23 Pés gessados ordenados na parede representando as salas de oratório.	34
FIGURA 7 INIPI - Sauna Sagrada, brasil, sem data Foto: Divulgação	17	FIGURA 24 E 25 Pés gessados juntos em um unico coro, como um vórtice.	35
FIGURA 8 Ex-Votos, 2006 Foto Por Julio Magalhães	19	FIGURA 26 Imagem votiva utilizada como referência Votive painting for Our Lady of San Juan de los Lagos, Mexico, 2008 autor desconhecido	36
FIGURA 9 Juazeiro do Norte, s.d. Foto por Jefferson Duarte	19	FIGURA 27, 28 E 29 Releitura dos ex-votos feitos em preto e branco.	38 e 39
FIGURA 10 Igreja Nossa Senhora do Carmo - Sala dos ex-votos, 2013 Foto por Moema Andrade	20	FIGURA 30 Rascunhos divididos entre as duas naturezas imaginais da cura: interna (primeira linha) e externa (segunda linha).	41
FIGURA 11, 12, 13 Ex-votos desenhados, autoria desconhecida - México.	21	FIGURA 31, 32 e 33 Primeiro testes feitos com aquarela	42 e 43
FIGURA 14 método abramovic - sesc pompéia -São Paulo foto de divulgação	23	FIGURA 34 Últimos testes feitos com aquarela	44 e45
FIGURA 15 Método Abramovic: à frente, o exercício em que os participantes ficam deitados e, ao fundo, um grupo fazendo a caminhada em câmera lenta Foto de divulgação	24	FIGURA 35 Pessoa manipulando o instrumento.	47
FIGURA 16 Método Abramovic - sesc pompéia - São Paulo Foto de divulgação	25	FIGURA 36 e 37 Pessoa manipulando o instrumento.	48
		FIGURA 38, 39, 40 e 41 Caixa e instrumento.	49

FONTES ICONOGRÁFICAS

1-4 - Retiradas do Documentário "HEAL". Acesso 4 março de 2019

5 - Disponível em: < <https://www.xamanismo.com.br/xamanismo-brasil-e-sem-fronteiras/fogo-sagrado-tenda-do-suor-firekeeper-carluo/>> Acesso 20 set. de 2019

6 - Disponível em: <https://survivalcommonsense.com/sweat-lodge-participants/>
Acesso 15 ago. de 2019

7 - Disponível em: <<http://www.xamanismonativo.com.br/quatro-elementos?lightbox=datattem-ir-p2b2f4>> Acesso 20 nov. de 2019

8 - Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/juliomagalhaes/33675871134>>
Acesso 20 ago. de 2019

9 - Disponível em: <<https://jeffcelophane.wordpress.com/2011/06/09/ex-votos-a-fe-que-nao-cos-tuma-faia/>> Acesso 20 ago. de 2019

10 - Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/moemaandrade/8446740022>>
Acesso 20 ago. de 2019

11-13 - Disponível em: <<https://www.360meridianos.com/especial/ex-votos-arte-mexico>>
Acesso 20 ago. de 2019

14-16 - Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/blog/arte/ffw-testa-o-metodo-abramovic-de-marina-abramovic/galeria/1/>> Acesso 6 out. de 2019

17 - Disponível em: <<https://pesquisasbienaljf.wordpress.com/2015/05/26/corpo-enquanto-experiencia/>> Acesso 24 out. de 2019

18 - Disponível em: < <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/eventos/mulheres-adventistas-pernambucanas-recebem-o-desafio-de-serem-intercessoras/>> Acesso 18 out. de 2019

19 - Disponível em: <<https://misticaweb.com/reflexologia-podal-como-fazer-beneficios-mapa-pes/>> Acesso 2 nov. de 2019

26 - Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/File:Our_Lady_of_San_Juan_de_los_Lagos_votive_1911.jpg> Acesso 20 ago. de 2019